https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i1.22134

POLÍTICA LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÕES GLOTOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS – FRANCÊS PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FABRÍCIO DE OLIVEIRA VASCONCELOS (UFAM)*
https://orcid.org/0000-0001-9919-5642

WAGNER BARROS TEIXEIRA (UNILA/PPGL-UFAM)**
https://orcid.org/0000-0003-0235-8025

RESUMO

Por meio de uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e documental, neste artigo, buscamos analisar as ações glotopolíticas desenvolvidas pelo Nucli-Francês em prol da Internacionalização da Ufam a partir de sua implementação, em novembro de 2017. Com esse fim, dialogamos com teorias voltadas para Política Linguística e Glotopolítica relacionando-as com a Internacionalização do Ensino Superior e o Programa Idiomas sem Fronteiras Francês (IsF-Francês). As ações desenvolvidas nos revelam que o programa em questão tem contribuído positivamente para o processo de internacionalização da Ufam através da capacitação de estudantes e demais membros da comunidade acadêmica no que concerne ao aprendizado do Francês, preparando-os para contextos universitários diversos em países de

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM). Especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Possui Licenciatura Plena em Língua e Literatura Francesa pela UFAM, onde atuou como professor substituto. Lattes: https://lattes.cnpq.br/8725878871021855. E-mail: professorfabriciovasconcelos@gmail.com

** Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professor associado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e professor no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM). Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística Aplicada e Educação. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6227315631560289. E-mail: wagner.teixeira@unila.edu.br

língua francesa. Ademais, auxilia na formação inicial dos futuros profissionais da língua francesa do curso de Letras Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Letras, servindo como laboratório de suas práticas docentes por meio de estágio não-obrigatório. Portanto, em consonância com a proposta inicial do Programa Idiomas sem Fronteiras.
Palavras-chave: Política Linguística; Glotopolítica; Internacionalização; IsF-Francês; UFAM.

RÉSUMÉ

POLITIQUE LINGUISTIQUE ET ENSEIGNEMENT DE LANGUES POUR L'INTERNATIONALISATION DES INSTITUTIONS D'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR EN AMAZONAS : CONTRIBUTIONS GLOTTOPOLITIQUES CONTEMPORAINES DU PROGRAMME IDIOMES SANS FRONTIÈRES - FRANÇAIS POUR L'UNIVERSITÉ FÉDÉRALE D'AMAZONAS

À partir d'une approche qualitative bibliographique et documentaire, cet article cherche à analyser les actions glottopolitiques développées par le Nucli-Français en faveur de l'Internationalisation de l'Ufam depuis sa mise en place en novembre 2017. Pour ce faire, nous dialoguons avec les théories de la Politique Linguistique et de la Glottopolitique, en les mettant en relation avec l'Internationalisation de l'enseignement supérieur et le Programme Idiomes sans Frontières Français. Les actions développées révèlent que le programme en question a contribué positivement au processus d'internationalisation de l'Ufam en formant des étudiants et d'autres membres de la communauté académique à l'apprentissage du Français, les préparant à différents contextes universitaires dans les pays francophones. En outre, il contribue à la formation initiale des futurs professionnels de la langue française du cours de Lettres Langue et Littérature Française de la Faculté des Lettres, en servant de laboratoire à leurs pratiques pédagogiques par le biais d'un stage non obligatoire. Il s'inscrit donc dans la proposition initiale du Programme Idiomes sans Frontières.
Mots-clés : Politique linguistique ; Glottopolitique ; Internationalisation ; IsF-Français ; UFAM.

INTRODUÇÃO

Quando voltamos o olhar para as políticas linguísticas para o ensino de línguas no Brasil, nos deparamos com um cenário de desvalorização. A partir de 2017, com a Lei 13.415 (Brasil, 2017), vemos cada vez menos a presença obrigatória de línguas estrangeiras nos currículos escolares brasileiros, a exemplo do espanhol que teve sua oferta obrigatória reduzida a optativa. Foram conquistas retiradas do texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que dava espaço para a oferta obriga-

tória tanto do ensino de espanhol, de francês, como de outras línguas estrangeiras na educação básica.

Na atualidade, o panorama que encontramos no Amazonas é a concentração do ensino de línguas, dentre elas o Francês, especialmente em universidades públicas por meio de seus centros de línguas, escolas privadas e cursos de idiomas, sendo os dois últimos de acesso à apenas uma pequena parcela da sociedade. Isso posto, buscamos neste estudo compreender como o ensino de Francês se configura no Amazonas, com foco nas ações voltadas para a internacionalização das suas Instituições de Ensino Superiores (IES), através do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), em contexto específico da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Desde sua criação, o IsF tem se mostrado uma importante política linguística no processo de internacionalização das universidades brasileiras. Por meio dele, é possível ofertar cursos de idiomas em línguas estrangeiras modernas, dentre elas o Francês, além do Português para estrangeiros à comunidade acadêmica, democratizando o acesso ao aprendizado de línguas para os discentes, docentes e corpo técnico-administrativo dessas instituições. Além disso, devido ao seu caráter formativo, propicia aos estudantes de letras das Instituições de Ensino Superior (IES) cadastradas, capacitação e formação em práticas pedagógicas inerentes à dinâmica docente.

Criado em 2012, o referido programa tem como objetivos capacitar estudantes de nível superior auxiliando-os no acesso a programas de intercâmbio ofertados pelo Governo Federal, tornando-se uma importante iniciativa no desenvolvimento de uma política linguística para as universidades cadastradas, bem como um espaço profícuo de residência docente para os futuros profissionais de línguas estrangeiras em formação, servindo de campo de estágio não-obrigatório (BRASIL, 2012).

Esta pesquisa, recorte de dissertação de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Faculdade de Letras (FLet) da Ufam, vinculada às áreas de linguística aplicada e política linguística parte do seguinte questionamento: como o IsF-Francês tem contribuído para a internacionalização da Universidade Federal do Amazonas desde sua implementação?

Na Ufam, o núcleo de Francês iniciou suas atividades em novembro de 2017 e, desde então, vem contribuindo para a internacionalização da comunidade acadêmica. Desse modo, o objetivo geral deste estudo é analisar as ações glotopolíticas contemporâneas desenvolvidas pelo Nucli-Francês em prol da internacionalização da Ufam a partir de sua implementação em 2017 até o ano de 2022. Para atingir o objetivo proposto, adotamos uma abordagem qualitativa através das técnicas de pesquisa bibliográfica que dará fundamento ao aporte teórico, bem como por meio de pesquisa documental sobre as ações desenvolvidas pelo IsF-Francês na Ufam.

Nosso estudo está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, apresenta um eixo dedicado a revisão de literatura acerca da relação entre política linguística, glotopolítica e internacionalização relacionando-a com o Programa Idiomas sem Fronteiras. Em seguida, discorremos sobre a metodologia empregada na pesquisa e apresentamos adiante a seção dos resultados e discussões, seguida das considerações finais e referências.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A fundamentação teórica deste estudo está subdividida em dois eixos: Política Linguística e Glotopolítica e Internacionalização

das Instituições de Ensino Superior no Amazonas e o Programa Idiomas sem Fronteiras.

2.1 Política linguística e glotopolítica: relações conceituais

Marky Jean-Pierre, professor especialista nas áreas de ensino de idiomas e formação de professores, ao escrever artigo sobre a relação entre língua, educação e desenvolvimento em sociedades pós-coloniais e o neoliberalismo, chama a atenção para a língua como um dos valores humanos fundamentais. Para Jean-Pierre (2019), o desenvolvimento humano e, consequentemente, das comunidades humanas, envolve múltiplos valores, incluindo, nesse aspecto, a língua. "Considerar a língua como um dos valores humanos mais básicos permite-nos considerar os desafios de desenvolvimento que uma comunidade pode enfrentar quando está em causa um valor tão básico" (JEAN -PIERRE, 2019, p. 507)[1].

As ações do homem sobre as línguas não são fatos recentes. Há bastante tempo o homem organiza suas diversas formas de linguagem em contato em um mesmo território ou cria suas línguas próprias por meio de intervenções políticas. Hamel (1993), aponta que essas interferências existem desde que os seres humanos se organizaram em sociedades e estenderam suas relações de contato, intercâmbio e dominação a outras sociedades cultural e linguisticamente diferentes, servindo como instrumento de dominação e hegemonia, mas também essenciais nos processos de resistência e libertação.

Calvet (2007) revela que o surgimento do campo disciplinar das políticas linguísticas nasceu na metade do século XX e estava ligado ao plurilinguismo e à sua gestão, sobretudo durante o processo de descolonização da Ásia e África, em que ações políticas alteraram o estatuto de diversas comunidades linguísticas pertencentes aos países recém libertos. Também para Savedra e Lagares (2012), os termos política e planejamento linguísticos surgiram nos anos de 1950 e início dos anos 60 para se referirem aos estudos desenvolvidos em situações linguísticas de contato.

Nota-se, a partir dos primeiros usos do termo, que sua área de atuação estava ligada à resolução de problemas decorrentes de conflitos linguísticos ou devido à gestão da diversidade de línguas presentes em mesmo contexto. Com o tempo, outros autores contribuíram e ampliaram o entendimento sobre campo de estudos das políticas linguísticas. Kloss (1969), por exemplo, adiciona os termos planejamento de *corpus* e *status* da(s) língua(s), sendo o primeiro termo referente às intervenções na forma da língua, ou seja, seu equipamento linguístico (criação de escrita, dicionário, padronização e neologia), e o segundo fazendo referência às interferências nas suas funções, isto é, em seu *status* social e relações com outras línguas presentes em mesmo contexto.

Ainda na construção do conceito de planejamento e política linguística, Cooper (1989) acrescenta uma nova etapa ao conceito definido por Heinz Kloss que ele chama de planejamento de aquisição que, por sua vez, consiste nos esforços feitos para a promoção e aprendizagem da língua, abrangendo então a esfera educacional pois, para o autor, "função, forma e aquisição estão inter-relacionados, o que justificaria a proposição do planejamento de aquisição, cuja função básica seria expandir o número de usuários e, ao mesmo tempo, gerir o ensino

1 Do original: Considering language as one of the most basic human values allows us to consider the challenges for development a community may face when such a basic human value is at stake (JEAN-PIERRE, 2019, p. 507) [Tradução nossa].

da nova língua, isto é, definir o que ensinar e a quem ensinar (COOPER, 1989, p. 34-42 *apud* SILVA, 2013, p. 295).

Silva (2013), compartilha da reflexão acima ao afirmar que uma das principais metas de qualquer planejamento linguístico é difundir a(s) língua(s) objeto do planejamento, em outras palavras, é ampliar o número de usuários e de usos sociais dessa(s) língua(s). Nessa perspectiva, a política linguística pode ser vista tanto como um instrumento de preservação dos interesses de grupos hegemônicos, como um mecanismo de mudança social.

Savedra e Lagares (2012) concordam que as ações de políticas linguísticas englobam, na atualidade, além da sociolinguística e da linguística aplicada, o ensino de línguas e, para os pesquisadores, a definição de política linguística mais utilizada pela maioria de autores se encontra em Calvet (1987, 1993, 1996, 2002), entendida como "um conjunto de decisões tomadas pelo poder público a respeito de quais línguas serão fomentadas, ensinadas ou eventualmente reprimidas e eliminadas; de quais funções as línguas terão ou deveriam ter, de que espaços sociais ocuparão" (SAVEDRA; LAGARES, 2012, p. 15).

Nesse prisma, a política linguística é vista como um instrumento elaborado pelo poder público que possui o poder de definir e decidir a respeito da(s) língua(s) de forma descendente, de cima para baixo, segundo seus interesses, com pouca participação daqueles a quem se destina tal política linguística. Por outro lado, no que tange ao aspecto político da(s) língua(s), existe uma perspectiva mais democrática que não teve a mesma notoriedade dos estudos sobre políticas linguísticas, muito embora tenho seus primeiros registros também nos anos 1950 nas primeiras pesquisas da sociolinguística moderna, que Savedra e Lagares (2012, p. 13) entendem como uma "perspectiva de estudo que se apresenta como uma abordagem integral da política linguística". Trata-se da perspectiva Glotopolítica.

Segundo Lagares (2021), nos seus estudos em Herrero Valeiro (2015), os primeiros usos do termo aparecem nos primórdios da sociolinguística para tratar das políticas governamentais sobre as línguas, sobretudo daquelas em situação de contato. Em suas leituras em Malmberg (1959), o pesquisador entende que glotopolítica é uma área derivada da linguística aplicada destinada ao uso de resultados ou instruções linguísticas em contextos políticos do tipo cultural, por exemplo. Savedra e Lagares (2012) indicam que o termo aparece também em trabalhos do linguista Einar Haugen (1971) para se referir aos aspectos ligados ao *status* institucional dos idiomas. Nota-se que os conceitos de política linguística, planejamento linguístico e glotopolítica possuem grandes semelhanças.

No entanto, é com os linguistas franceses Louis Guespin e Jean-Baptiste Marcellesi, através de um manifesto em defesa da glotopolítica sob o título original *"Pour la Glottopolitique",* publicado na revista *Langages*, em 1986, que o termo volta a ser discutido no domínio da política linguística para estudar as intervenções no espaço da linguagem num sentido mais amplo. Para os autores (*op. cit.*), o termo "designa as diversas abordagens que uma sociedade faz da ação sobre a linguagem, tenha ela ou não consciência disso. [...] Glotopolítica é necessário para englobar todos os fatos de linguagem em que a ação da sociedade reveste a forma do político (GUESPIN; MARCELLESI, 1986, p. 12)[2].

Os pesquisadores destacam ainda que o termo glotopolítica não tem a intenção de

2 [Tradução de Marcos Bagno]

anular os termos planejamento ou política linguística, mas alertam para o fato de que "toda decisão de política linguística terá, necessariamente, se entrar em aplicação, consequências glotopolíticas" (GUESPIN; MARCELLESI, 1986, p. 12). Em outras palavras, o fato glotopolítico tem alcance que vai desde os atos minúsculos e familiares até as intervenções mais visíveis, pois "a glotopolítica engloba a política linguística: todos os casos de promoção, proibição, instrumentação, mudança de status de uma língua são eminentemente fatos glotopolíticos; a política linguística, portanto, é um caso particular da glotopolítica" (GUESPIN; MARCELLESI, 1986, p. 24).

No tocante às ações glotopolíticas voltadas para o ensino de línguas, Teixeira e Ferreira (2020, p. 543) destacam que

> A perspectiva glotopolítica critica a visão limitadora de políticas linguísticas essencialmente realizadas pelo Estado, e considera que outros entes sociais não relacionados ao Estado podem e fazem intervenções no campo político. A partir desse entendimento são formuladas (ou deveriam ser) as políticas linguísticas e educacionais e seu planejamento para o ensino de línguas, seja no âmbito nacional, regional ou mesmo local.

Lagares (2021) também corrobora o pensamento acima ao dizer que a política linguística possui uma visão policial, compreendida como uma forma de planejar de cima para baixo e, frente a essa visão, a perspectiva glotopolítica procura identificar formas de lutar contra a dominação linguística, através de uma política democrática da língua, levando em consideração a participação dos usuários da(s) língua(s) nas discussões e na sua própria implementação.

No Estado do Amazonas, por exemplo, "evidencia-se que os encontros linguísticos são constantes, influenciando as relações sociais no estado, e, como consequência, a adoção de ações glotopolíticas variadas" (TEIXEIRA, 2020, p. 344). Inferimos, a partir das considerações tecidas acima, que entidades sociais como a Universidade Federal do Amazonas, sob o viés da glotopolítica, é um importante agente fomentador da oferta de ensino de línguas voltadas para a sociedade amazonense, democratizando o acesso a idiomas que não fazem parte do currículo escolar de base, além também de ofertar formação inicial e continuada de professores no âmbito local.

Isso posto, podemos afirmar que a Política Linguística representa uma macroárea que engloba a Glotopolítica, sendo o último termo uma perspectiva do primeiro. Portanto, são áreas que estão estritamente ligadas à língua. Percebemos, então, que a relação que se estabelece entre ambos termos parece formar uma linha tênue pelo fato de estarem ligados à situações de contato e equipamento linguísticos, interferência na forma e no uso da(s) língua(s) e também no que se refere à sua promoção e ensino. Percebemos, também, que a perspectiva glotopolítica engloba as intervenções de outros agentes sociais além do Estado, partindo de um viés mais democrático, ascendente, ou seja, do anseio e necessidade daqueles a quem a política linguística interessa de fato.

2.2 Internacionalização das Instituições de Ensino Superior no Amazonas e Programa Idiomas sem Fronteiras

De acordo com Ribeiro, Pontes e Silva (2017) debates políticos e acadêmicos acerca da função formativa e social das universidades vêm se intensificando no século XXI, sobretudo em temas como a produção de conhecimentos e o acesso ao ensino superior. Nesse processo, segundo os autores,

as IES por meio da extensão universitária buscam tecer políticas e ações que desencadeiam em lutas internas e espaços de resistência, fortalecendo o elo entre universidade e sociedade. Teixeira *et. al.* (2024, p. 19) corroboram os autores acima citados ao afirmarem que

> No mundo recente, o processo de internacionalização vem se intensificando em diferentes esferas da sociedade, o que tem apregoado a derrubada de barreiras e a interconexão de regiões, países, moedas, mercados, economias, processos de produção, culturas, tecnologias e investigações. Nessa conjuntura, a Educação acaba sendo uma das esferas impactadas.

Assim como as outras áreas da sociedade brasileira, a educação também sofreu mudanças oriundas da globalização e das transformações políticas e econômicas das últimas décadas e, nesse interim, as universidades assumem papel importante de aproximação de povos e aceleração do processo de internacionalização (PESSONI; PESSONI, 2021). Considerando o processo de internacionalização do Ensino Superior, Teixeira e Pessôa (2018, p. 161) entendem que

> [...] as universidades precisam fornecer condições para que seus alunos, professores e técnicos possam efetivamente usufruir das possibilidades oriundas do processo de internacionalização, o que gera desafios diversos, entre os quais a necessidade de formação linguística e de preparação adequada da comunidade universitária para o processo de intercâmbio cultural, estando apta a receber estrangeiros e a realizar mobilidade no exterior.

Todavia, não há como falar em internacionalização sem falar de políticas para promoção de línguas no Brasil pois, para que universidades, pesquisadores, professores e estudantes possam interagir com instituições de outros países que não apenas os de língua portuguesa, se faz mister pensar em políticas linguísticas que favoreçam a capacitação desses profissionais em diferentes contextos.

Souza (2014), explica que o Governo brasileiro passou a olhar com mais atenção para a internacionalização das universidades a partir de 2010, sobretudo nas ações de mobilidade acadêmica no exterior com a justificativa de melhorar o ensino e a pesquisa no país por meio de inúmeras parcerias com instituições dos mais diversos países. Para Teixeira et. al. (2024, p. 238)

> No contexto da internacionalização do ensino superior, quando a interdependência entre países é construída por meio da pesquisa internacional, o resultado pode ser uma construção de expertise interinstitucional em um nível que não poderia ser alcançado sem a internacionalização e, para isso, as línguas desempenham um papel muito importante [Tradução nossa][3].

Foi pensando em ações políticas voltadas para a intensificação do processo de internacionalização das IES brasileiras que o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Programa Idiomas sem Fronteiras, em 2012, tornando-se uma importante política linguística cujo objetivo é propiciar tanto a formação quanto a capacitação em diferentes idiomas a estudantes, professores e colaboradores administrativos (DORIGON, 2015; PAIVA; ALVES, 2020). Atualmente, o programa passou por mudanças e deixou de ser gerido diretamente pelo MEC, passando a ser responsabilidade da Associação Nacio-

3 Do original: "In the context of internationalization of higher education, when interdependence between nations is built up through international research, the result may be an interinstitutional expertise construction in a level that could not be achieved without internationalization and, for this, languages play a very important role" (TEIXEIRA et. al., 2024, p. 238) [Tradução nossa].

nal dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – Rede ANDIFES IsF.

Enquanto programa, é uma política linguística criada pelo Governo Federal voltada para a comunidade acadêmica brasileira tendo como função a ampliação e capacitação do número de usuários de línguas já ensinadas nas universidades cadastradas, portanto, pode ser visto como um planejamento de aquisição Cooper (1989), cuja função básica é expandir o número de usuários nas línguas ofertadas pelo programa, conforme entende Silva (2013).

Desta forma, internacionalizar a educação superior faz parte de um processo intercultural de dimensões globais que visam integrar ações de ensino, aprendizagem, pesquisas e serviços prestados pelas universidades à sociedade, por meio de cooperações internacionais, programas de mobilidade, redes de trabalhos, entre outras estratégias pensadas em níveis locais e globais (PAIVA; ALVES, 2020).

Para Albuquerque-Costa (2012), desenvolver políticas de internacionalização nas universidades traz resultados imediatos sobre o número de alunos que se candidatam a programas de intercambio, almejando ter um diferencial em seus currículos através de experiências em universidades estrangeiras que, consequentemente, irão complementar suas formações no Brasil.

Outrossim, para além de possibilitar a participação em programas de mobilidade, programas como o IsF são importantes para assegurar àqueles que não tem condições de fazer um intercambio no exterior, de usufruir do processo de internacionalização em sua própria instituição através dos cursos de idiomas, contatos e eventos promovidos dentro do campus (PAIVA; ALVES, 2020).

Outra ação pontual que o Idioma sem Fronteiras traz consigo é o olhar pedagógico no que diz respeito à formação inicial e continuada dos professores de línguas que atuam em seus Nucli pois, para ministrar os cursos, o professor estagiário precisará elaborar atividades inerentes à prática docente como, por exemplo, preparar e produzir materiais didáticos, planejar as aulas e praticar a docência por meio da regência em sala de aula, seja na modalidade remota ou presencial (PAIVA; ALVES, 2020).

Para a Faculdade de Letras da Ufam, o programa tem se tornado um laboratório profícuo de práticas docentes para discentes de diferentes cursos de línguas estrangeiras ofertados pela instituição por meio de estágios não-obrigatório (TEIXEIRA, 2020). No caso do Francês, a universidade exerce um papel fundamental como espaço de difusão da língua e aperfeiçoamento dos futuros profissionais nessa área, haja vista que o idioma não é componente curricular obrigatório dos currículos escolares brasileiros, restringindo, portanto, o acesso ao seu aprendizado e ensino na educação de base.

Nesse sentido, Godard (2015 *apud* Girão, 2021;2023) salienta que as universidades fora da França são de suma importância para a difusão da língua francesa no mundo pois, de acordo com a autora, formam professores de francês e são espaços privilegiados para o desenvolvimento de pesquisas e observações científicas.

Ao analisar a importância das línguas alóctones presentes no Amazonas trazidas por migrantes que se estabeleceram no estado ao longo dos anos, Teixeira (2018) entende que a língua francesa tem grande importância histórica, principalmente durante e sobretudo devido à época da borracha, período em que a capital amazonense ficou mundialmente conhecida como a Paris dos trópicos. Considerando o contexto atual, Teixeira (2020) aponta que o francês vem

sendo falado pelos imigrantes haitianos que residem em Manaus desde a catástrofe ocorrida no Haiti, em 2010, que forçou a vinda de milhares de haitianos para o Brasil.

Como podemos perceber, o fomento ao programa Idiomas sem Fronteiras representa uma política linguística de grande relevância para o ensino de línguas estrangeiras e a manutenção da diversidade linguística presente no Brasil e no Amazonas. Para Vasconcelos (2024, p. 171)

> O nome do nosso programa, Idiomas sem Fronteiras (IsF), implica a ideia de abertura não só a uma língua, mas a línguas e culturas em geral. Implica a negação das fronteiras, o incentivo a fluxos migratórios. O aprendizado de uma nova língua não deve ser a construção de uma nova fronteira e sim uma experiência de abertura à mudança.

Diante desse novo cenário, a Universidade Federal do Amazonas decidiu instituir sua Política Linguística em 2018 através da Resolução nº 028/2018 em que reconhece e apoia institucionalmente o seu Núcleo de Línguas Idiomas sem Fronteiras (NUCLI/ISF) e seu Centro de Estudos de Línguas (CEL) (UFAM, 2018). De acordo com Teixeira (2020, p. 356)

> A partir desse documento, a universidade oficialmente reconhece a pluralidade linguística da região e estabelece princípios e objetivos de uma política que visa a fortalecer o ensino das línguas presentes no Amazonas e o processo de internacionalização da instituição.

Ferreira (2024) assinala que o CEL pavimentou e preparou o terreno, na UFAM, para a emergência do IsF que, inicialmente, era voltado para o ensino de inglês que se ampliou para incluir outros idiomas. Nas palavras do autor

> Quando o IsF passou a funcionar na UFAM, já havia uma infraestrutura administrativa e educacional pronta para acolher essa nova e bem-vinda instância no ensino de línguas adicionais em nossa universidade. Tínhamos já uma coordenação geral, coordenadores pedagógicos para cada língua oferecida pelo CEL, professores-estagiários, alunos das nossas licenciaturas de Letras – Inglês, Francês, Espanhol, Japonês e Português.

Nesse sentido, tanto o Centro de Estudos e Línguas como o Idiomas sem Fronteiras vêm contribuindo ativamente para a internacionalização da Ufam, conforme apontam Teixeira, Corrêa e Costa (2020, p. 138)

> [...] as iniciativas implementadas pelo CEL têm ido de encontro das políticas brasileiras de internacionalização do ensino superior e, de forma especial, das políticas da Ufam nesse quesito, promovendo apoio à mobilidade internacional ao preparar alunos, professores e pesquisadores estrangeiros quanto ao uso do Português em suas atividades no Brasil [...].

Ademais, de acordo com os autores *(op. cit.),* o CEL também apoia as ações de internacionalização do Nucli-IsF da Ufam por meio da manutenção dos professores bolsistas que lecionam cursos para fins específicos de Espanhol, Francês, Inglês, Japonês e Português para estrangeiros. Tanto o CEL como o IsF estão ligados à Faculdade de Letras (FLet) da Ufam.

3 METODOLOGIA

Quanto à sua abordagem metodológica, este estudo utilizou do método qualitativo. Portanto, está inserido em uma abordagem qualitativa ou interpretativa, visando "compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas" (FLICK, 2007, p. ix *apud* PAIVA, 2019, p. 13).

Complementando a abordagem escolhida e almejando atingir o objetivo proposto, fez-se uso de pesquisa bibliográfica que, de acordo com Fachin (2017), se mostra uma fonte inesgotável de informações que auxi-

liam na atividade intelectual e na contribuição para o conhecimento cultural. Portanto, através da pesquisa bibliográfica, foi possível construir a revisão de literatura que fundamenta este estudo.

Lançamos mão, de igual modo, de pesquisa documental com vista a atingir nosso objetivo geral. Esta, por sua vez, foi feita através da coleta de dados institucionais referentes às ofertas de cursos do IsF-Francês da Ufam desde o início de suas atividades em 2017 até 2022. Para Gil (2017, p. 29), "a pesquisa documental vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas [...]".

O procedimento de coleta de dados se deu através de e-mail solicitando os dados referentes às ações do IsF-Francês à Coordenação Geral do Nucli/Ufam. A análise e interpretação dos dados se deu por meio da análise categorial temática seguindo a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). De acordo com os dados coletados, foi possível dividir as contribuições do programa para a Ufam em duas categorias: contribuições para o ensino e difusão da língua francesa para a comunidade acadêmica e contribuições para a formação inicial do professor de francês.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste tópico, apresentamos as análises dos dados coletados de acordo com o procedimento de análise proposto. Assim, dividimos os resultados e discussões em duas categorias de análise.

4.1 Categoria "Contribuições para o ensino de difusão da língua francesa para a comunidade acadêmica"

Nesta categoria, apresentamos as contribuições do IsF-Francês para a internacionalização da Ufam através do ensino e difusão de cursos de Francês entre 2017 e 2022. Para isto, reunimos os dados coletados em uma tabela que ilustra o número de turmas, vagas, inscritos nos cursos e alunos que foram atendidos.

Tabela 1 – Quantitativo de turmas, vagas ofertadas, número de inscritos e alunos atendidos entre 2017 e 2022 – Nucli Francês/Ufam.

Ano	Turmas	Vagas	Inscritos	Alunos Atendidos
2017	1	25	193	25
2018	7	175	791	175
2019	4	100	443	100
2020	-	-	-	-
2021	1	35	35	35
2022	2	100	111	111
Total	15	335	1538	411

Fonte: elaborada pelos autores (2023) com base nos dados fornecidos pela Coordenação Nucli Francês/UFAM.

A tabela acima nos mostra, do ponto de vista da oferta de ensino de Francês para a comunidade acadêmica, que todas as vagas ofertadas para os cursos entre 2017 e 2022 foram preenchidas, com exceção do ano de 2020 que, com o advento da Pandemia de Covid-19, a Ufam interrompeu suas atividades acadêmicas presenciais e remotas seguindo as normas de segurança recomendadas pelo Ministério da Saúde e, em razão disso, não houve oferta de turmas naquele ano.

Os dados nos revelam ainda que, para a

maioria dos anos, de acordo com as ofertas, formou-se grandes filas de espera devido a pequena quantidade de vagas por turma. Resultado que aponta para o interesse por parte da comunidade acadêmica em iniciar o aprendizado ou aperfeiçoar o conhecimento que já possuem sobre a língua francesa, contribuindo, desse modo, para o processo de internacionalização da Ufam conforme apontou Teixeira, Corrêa e Costa (2020).

Devido ao seu caráter modular com diferentes ofertas de cursos e níveis de proficiência, o IsF-Francês atendeu discentes, docentes das mais diversas áreas e por motivações variadas, como por exemplo: administração pública, geografia, história, química, língua inglesa, portuguesa, japonesa, filosofia, matemática, educação física, biotecnologia, serviço social, ecologia, design e, principalmente, discentes de engenharia em razão das ofertas de programa de mobilidade para a França como o Brafitec e Brafragri.

Além do interesse em se preparar para programas de mobilidade internacional, havia aqueles que tinham interesse em fazer exames de proficiência para fins de candidatura em cursos de pós-graduação e candidatura espontânea em cursos de especialização ou de curta duração, especialmente em países como França e Canadá, o que corrobora a visão de Pessoni e Pessoni (2021) ao destacarem o papel das universidades na aproximação dos povos e na aceleração do processo de internacionalização.

Podemos interpretar, desse modo, que o desenvolvimento de ações como as do IsF-Francês aumentam o número de alunos que se candidatam a programas de intercâmbio, como afirmou Albuquerque-Costa (2012). Ademais, possibilita a interação e o acesso da comunidade acadêmica ao processo de internacionalização de vários acadêmicos da Ufam dentro da própria instituição, em conformidade com o pensamento de Paiva e Alves (2020).

No tópico abaixo, discorremos sobre as contribuições do IsF-Francês para os discentes em formação da Licenciatura em Letras Língua e Literatura Francesa da Ufam.

4.2 Categoria "Contribuições para a formação inicial do professor de francês"

Nesta categoria, apresentamos as contribuições do IsF-Francês para o discente de Letras Língua e Literatura Francesa em formação pois, devido ao seu caráter formativo, o programa representa também um importante espaço de estágio não-obrigatório. Para tanto, reunimos dados sobre a oferta dos cursos à comunidade acadêmica no período de 2017 a 2022 e os apresentamos em forma de tabela.

Tabela 2 – Cursos ofertados à comunidade acadêmica.

OFERTA	TÍTULO DO CURSO	NÍVEL
1	Chegando na universidade: primeiras interações em língua francesa	A1/A2
2	Aprender a redigir uma *lettre de motivation*	B2
3	Comunicação oral: apresentar-se em francês	A1/A2
4	Pronuncia, ritmo e entonação em língua francesa	B1
5	Primeiros passos em francês	A2
6	Compreensão oral em contexto acadêmico: as aulas expositivas	B2
7	Introdução à mobilidade em país de língua francesa	B1
8	O estudante brasileiro na universidade francófona: alojamento	B1
9	Compreensão oral em meio acadêmico: técnicas de anotações	B2
10	Preparação ao Delf B1	B1

Fonte: elaborado pelos autores (2023) com base nos dados fornecidos pela Coordenação Nucli Francês/UFAM.

Ao analisarmos a tabela acima, notamos que os cursos nem sempre seguiam uma ordem lógica no que se refere aos níveis de proficiência e também quanto à sequência das ofertas. Dessa forma, dada a dinâmica das aulas, dos temas e do curto período de tempo para cada curso, se faz necessário que o professor estagiário possua um conhecimento intermediário-avançado em Francês, mas também tenha concluído algumas disciplinas de didática na graduação para conseguir produzir seu material de acordo com as ementas e para conduzir suas aulas numa perspectiva comunicativa.

Portanto, do ponto de vista pedagógico, os dados nos apontam que, dada a variedade de cursos e níveis linguísticos exigidos, o programa representa um importante laboratório de aperfeiçoamento de prática docente para os alunos do Curso de Letras Língua e Literatura Francesa da Ufam que atuaram e atuam no programa como professores estagiários bolsistas, por meio de estágio não-obrigatório, como destacou Teixeira (2020).

Através do programa, o professor de francês em formação tem a oportunidade de desenvolver competências inerentes à docência como, por exemplo, produzir seu próprio material de aula visando englobar os aspectos funcionais (competência comunicativa que o aluno do curso deve ter ao fim de cada oferta), linguísticos (aspectos gramaticais e estruturais da língua) e interculturais (cultura e civilização francófonas) de acordo com cada ementa. Para Paiva e Alves (2020), esse é um dos pontos fortes do programa no que diz respeito à sua função pedagógica e formativa, uma vez que os professores elaboram, planejam aulas e as ministram em diferentes cursos e níveis compatíveis com os objetivos do programa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos as ações desenvolvidas pelo Nucli-Francês em prol da internacionalização da Ufam a partir de sua implementação em 2017 até 2022. Isto posto, almejamos por respostas ao seguinte questionamento norteador: como o IsF-Francês tem contribuído para a internacionalização da Universidade Federal do Amazonas desde sua implementação?

Os dados nos evidenciam que o IsF-Francês da Ufam contribuiu para a internacionalização da Ufam por meio de ofertas diversas e variadas de cursos em níveis e fins específicos atingindo uma grande parcela de áreas do conhecimento e alunos da universidade, preparando-os para múltiplos contextos em situação de mobilidade ou candidatura em universidades francófonas. Além disso, ao ofertar o ensino de Francês de forma gratuita, o programa representa uma política linguística plural visando a democratização do aprendizado de línguas e ampla participação da comunidade acadêmica nesse processo.

Contribuiu, de igual modo, para a formação inicial e capacitação pedagógica dos alunos em formação da Licenciatura em Letras Língua e Literatura Francesa da Ufam, se apresentando como um espaço favorável à aplicação de teorias e metodologias aprendidas em sala de aula, imergindo o discente em um grande número de tarefas como, por exemplo, o planejamento e produção de aulas, além de colocá-lo diante de situações que lhe cobram condutas e autonomia no seu fazer pedagógico.

Concluímos, portanto, que o IsF-Francês tem auxiliado a Universidade Federal do Amazonas no processo de internacionalização da sua comunidade acadêmica em plena consonância com os objetivos do programa

e a política linguística da instituição que vê o aprendizado de línguas como direito de todos os cidadãos, democratizando seu acesso, visando uma formação crítica e cidadã dos estudantes de línguas com vistas à formação do profissional global.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa. Francês para Objetivo Universitário (FOU) na FFLCH/USP: formação linguística e discurso universitário para alunos que preparam intercambio com a França. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, 42 (2): p. 433-442, maio-ago, 2012. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1170. Acesso em: 28 fev. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Idiomas sem Fronteiras (IsF).** Ministério da Educação, Brasília: 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/programa-isf/historico. Acesso em: 25 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de

dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 09 out.2021.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas.** Tradução de Isabel de Oliveira Duarte,

Jonas Tenfen, Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

DORIGON, Thomás. O Programa Idiomas sem Fronteiras Analisado a partir do Ciclo de Políticas. **Revista BELT**, Porto Alegre, v. 6. sp. N. – suppl., s4-s20, dez. 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/belt/article/view/21009/0. Acesso em: 28 fev. 2023.

FERREIRA, Herbert Luiz Braga. O CEL, o IsF e a Universidade Federal do Amazonas. *In:* TEIXEIRA, Wagner Barros; FERREIRA, Cácio José; RODRIGUES, Luana Ferreira. **10 anos de Idiomas sem Fronteiras na UFAM: histórias de contribuições para o processo de internacionalização do Amazonas.** Manaus: EDUA, 2024.

GIRÃO, Stéphanie Soares. Ensino de literatura e a formação de professores de francês na(s) Amazônia(s) brasileira(s). **Tese (Doutorado)** – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. – Campinas, SP: [s.n], 2021.

GIRÃO, Stéphanie Soares. **Ensino de literatura e formação de professores de francês na(s) Amazônia(s) brasileira(s)** [livro eletrônico] / Stéphanie Soares Girão. - 1. ed. - Araraquara, SP: Letraria, 2023. PDF.

GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. Pour la glottopolitique. In: **Langages**, 21ᵉannée, n°83, 1986. Glottopolitique. pp. 5-34; doi : https://doi.org/10.3406/lgge.1986.2493. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1986_num_21_83_2493. Acesso em: 05 set. 2021.

HAMEL, R. E. Políticas y planificación del lenguaje: una introducción. **Revista Iztapalapa**, ano 13, n. 29, p. 5-39, enero/jun. 1993.

KLOSS, Heinz. **Research possibilities on group bilingualism: a report.** Québéc: CIRB, 1969.

LAGARES, Xoán Carlos. Uma leitura da "Defesa da Glotopolítica". In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; LAGARES, Xoán Carlos (organizadores). **Glotopolítica e práticas de linguagem.** – Niterói : Eduff, 2021.

Marky Jean-Pierre (2019) Language, education, and development: postcolonial societies and neoliberalism, **British Journal of Sociology of Education**, 40:4, 507-522, DOI:10.1080/01425692.2019.1591269. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01425692.2019.1591269. Acesso em: 13 jul. 2023.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** – 6. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** – 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. Parábola Editorial. São Paulo – SP. 2019.

PAIVA, Marluce Fagotti de; ALVES, Rosângela Aparecida. A internacionalização e o progra-

ma Idiomas sem Fronteiras nas universidades estaduais: desafios e transformações. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 5, e2012180, p. 1-18, 2020. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr. Acesso em: 28 fev. 2023.

PESSONI, Rosemeire Bom; PESSONI, Arquimedes. Internacionalização do ensino superior e a mobilidade acadêmica. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao. Acesso em: 28 fev. 2023.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; PONTES, Verônica Maria de Araújo; SILVA, Etevaldo Almeida Silva. A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1 – jan./abr. 2017. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao. Acesso em: 28 fev. 2023.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LAGARES, Xoán Carlos. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 32, p. 11-27, 1. sem. 2012.

SILVA, Elias Ribeiro da. A pesquisa em política linguística: histórico, desenvolvimento e pressupostos e epistemológicos. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. (52.2), p. 289 – 320, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tla/a/dT93Vp7MjTx9YgxPzqCrP4N/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 ago. 2021.

SOUZA, Marina M.M.F. Avaliação das Políticas Linguísticas Implantadas no Brasil e os Programas de Mobilidade Acadêmica em Contexto de Internacionalização. **REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS – UNITAU**, Taubaté, Volume 7, nº 2, p. 42-59, jul-dez/2014. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/143. Acesso em: 28 fev. 2023.

Teixeira, W. B. (2018). **La lengua española en el Amazonas: presencia, funciones, enseñanza y resistencia.** Miranda, C. (org.). La lengua española en Brasil: enseñanza, formación de profesores y resistencia. Brasília, DF: Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil. (Colección Complementos).

TEIXEIRA, Wagner Barros; PESSÔA, Maria Perpétua Silva. Extensão universitária e internacionalização: ações dos programas CEL e IsF na Universidade Federal do Amazonas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR, 11., 2018. Taller Internacional de Internacionalización de la Educación. **Actas** [...]. La Habana, Cuba: Ministerio de la Educación, 2018.

Teixeira, W. B. (2020). Integrando comunidades por meio do português: ações glotopolíticas dos programas CEL e IsF na Universidade Federal do Amazonas. **ReVEL**, vol. 18, n. 35, 2020. From: www.revel.inf.br

TEIXEIRA, Wagner Barros; CORRÊA, Edith Santos; COSTA, Elizabeth Brito da. Centro de Estudos de Línguas da UFAM: 30 anos contribuído para o desenvolvimento da sociedade amazonense. In: COELHO, I. M. W. D. S.; TEIXEIRA, W. B. (Org.). **Investigações e práticas de ensino -aprendizagem em Centros de Línguas do Amazonas.** 1.ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

TEIXEIRA, Wagner Barros; FERREIRA, Cacio José. Considerações (gloto) políticas sobre o ensino de línguas estrangeiras no Amazonas: um olhar especial para a Língua Japonesa. **XI CIEJB – XXIV ENPULLCJ**. Disponível em: https://www.academia.edu/34523977/Considerações_gloto_pol%C3%ADticas_sobre_o_ensino_de_l%C3%ADnguas_estrangeiras_no_Amazonas_um_olhar_especial_para_a_L%C3%ADngua_Japonesa. Acesso em: 09 ago. 2021.

TEIXEIRA, Wagner Barros; PESSÔA, Maria Perpétua Silva; SILVA, Sérgio Armstrong Russo da. **From the Heart of the Jungle to the World: Internationalization of Higher Education through a Decolonial View at the Federal University of Amazonas- Brazil.** *In:* SILVA, Kleber Aparecido da; PEREIRA, Lauro Sérgio Machado. *Decolonizing the Internationalization of Higher Education in the Global South.* Routledge, New York: 2024.

TEIXEIRA, Wagner Barros; FERREIRA, Cácio José; ARAÚJO, Valéria Moisin de. **Contribuições do programa Idiomas sem Fronteiras para a UFAM: registros de uma história de empoderamentos.** *In:* TEIXEIRA, Wagner Barros; FERREIRA, Cácio José; RODRIGUES, Luana Ferreira. 10 anos de Idiomas sem Fronteiras na UFAM: histórias de contribuições para o processo de internacionalização do Amazonas. Manaus: EDUA, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Resolução nº 028/2018**. Institui a Política Linguística da Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/3014/6/Resolução%20028%20de%202018.pdf. Acesso em: 25 mai. 2022.

VASCONCELOS, Fabrício de Oliveira. Discutindo as fronteiras do Idiomas sem Fronteiras: primeiros cursos do IsF-Francês/UFAM. *In:* TEIXEIRA, Wagner Barros; FERREIRA, Cácio José; RODRIGUES, Luana Ferreira. **10 anos de Idiomas sem Fronteiras na UFAM: histórias de contribuições para o processo de internacionalização do Amazonas.** Manaus: EDUA, 2024.

Submetido em: 03/03/2025
Aceito em: 23/06/2025

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.